

# Uma escola abençoada pelos deuses

Por Dionisio, *per Bacco*, por muitos mitos que ainda vivem em cada garrafa de vinho produzida em Bento Gonçalves. Ali funciona, há trinta anos, o primeiro e único curso do país especializado em formar enólogos.



FOTOS: PAULO FRANKEN

Aula de viticultura na Juscelino Kubitschek.

**D**iz a lenda que foi o próprio Dionisio em pessoa quem ensinou aos gregos as técnicas da viticultura. O deus do vinho não deixaria por menos. Sua divina generosidade, aliás, foi servida a gregos e troianos. Depois, aos romanos. Dionisio virou Baco e, muitas lendas depois, o vinho chegou ao Brasil na bagagem de uns imigrantes de Vicenza, do norte da Itália, que foram parar no planalto gaúcho em fins do século passado. Como se sabe, criaram raízes. Seus netos e bisnetos, porém, já não amassam a uva com os pés. Nem recorrem aos deuses para aprender a transformar a fruta em bebida. Eles freqüentam a Escola Agrotécnica Federal Presidente Juscelino Kubitschek, de Bento Gonçalves, onde funciona desde 1959 o primeiro e único curso do país dedicado a formar especialistas em vinho — os enólogos.

Geni Maria Piamolini, por exemplo, aluna do 1.º ano, é um desses aprendizes. Filha de pequenos produtores da região, como a maioria de seus colegas, ela está disposta a manter a tradição de seus ancestrais. Com 25 anos voltou ao 2.º grau para fazer as disciplinas técnicas e ser a enóloga da família, que decidiu

montar uma cantina (local onde se faz a bebida, nas regiões produtoras).

Nessa turma, porém, nem todos têm o vinho no sangue. Antônio Pedro Pinheiro do Couto, 18 anos, veio do Pará. Ele conta que o vinho sempre o fascinou, mas nunca imaginara que existisse uma escola para formar técnicos na área. Informado do curso no início de 1988, através da revista *Doçura*, do grupo Pão de Açúcar, pegou o endereço, escreveu, trocou a aula diurna pela noturna e passou o ano inteiro trabalhando para economizar dinheiro e vir ao Sul atrás do seu sonho. Deu sorte. Foi apro-

vado no exame de seleção. Entre as vindimas, na baixa temperatura do inverno gaúcho, Pará (como acabou sendo chamado pelos colegas) diz estar adorando. Seu projeto: estagiar em Petrolina (PE), produzir uva e fabricar vinho no Pará.

Um prédio no centro de Bento Gonçalves e uma fazenda a 16 quilômetros da sede formam a Juscelino Kubitschek, que é uma das 37 escolas agrotécnicas do MEC. Dos 340 alunos que tem este ano (300 são internos), aprovados num exame de seleção onde a média foi de três por vaga, 122 estão na Enologia.

O professor de Viticultura, Idalêncio Francisco Angheben, diz que a escola sem-



Testes no laboratório e a safra do aprendizado.



pre produziu as mudas das futuras parreiras. A produção (50 mil quilos de uva este ano) atende à metade da necessidade da cantina, que nesta safra fez 80 mil litros de vinho. Na sua disciplina, dada apenas no primeiro ano, Idalêncio acompanha as várias fases do desenvolvimento vegetativo da fruta até sua maturação. E os estudantes trabalham muito: fazem as mudas, o plantio, a amarração, a poda, o controle de pragas e moléstias, e a colheita. Eles começam seu aprendizado nos parreirais da fazenda — onde cinco dos 76 hectares são destinados ao projeto de Enologia e os outros 71 para a agropecuária e a zootecnia. Depois vão para a cantina aprender como transformar os cachos de uva em vinho. Ela funciona num anexo atrás do prédio principal, onde estão as salas de aula, a administração e o bloco residencial para os internos.

Aluno da primeira turma de enólogos formados na escola, Firmino Splendore é hoje professor de Enologia, disciplina dada nos três anos do curso. Convicto, ele diz que toda a aprendizagem é facilitada quando o aluno é motivado desde o início. “Essa motivação cresce a cada dia, quando ele vai dominando o processo.” Com cursos de aperfeiçoamento na própria escola, doze anos de prática na indústria e estágio em Bordeaux, França, ele tem verdadeira paixão pela Enologia. “Cada vinho é uma nova experiência. Depois tem os espumantes, licores, conhaques. Há sempre o que se aprender.”

### CURRÍCULO

Em outra sala da escola uma turma faz análises. A aula é de Enoquímica e o título escrito no quadro negro dá o tema: determinação da sacarose no vinho branco suave. Não há cadeiras nem mesas, mas grandes balcões azulejados em torno dos quais uns 40 estudantes, com guardanapos brancos, manipulam tubos de ensaio. O trabalho é feito em duplas e, através da experimentação com amostras, os alunos chegam ao percentual de sacarose daquele vinho.

O currículo da Juscelino Kubitschek estabelece 1 560 horas/aula para as disciplinas do núcleo comum e 2 460 horas para a formação especial, que se compõe de: Redação e Expressão, Estudos Regionais, Desenho Técnico, Viticultura, Enologia, Enoquímica, Microbiologia, Química Aplicada, mais o estágio supervisionado nas indústrias, de 360 horas. Diplomado, o técnico em Enolo-

gia vai trabalhar nas cantinas, vinagreiras ou cervejarias de sua família ou, então, disputar uma vaga nas empresas da região, concorrendo com os tecnólogos (que têm formação superior) vindos de Mendoza, na Argentina.

### COOPERATIVISMO

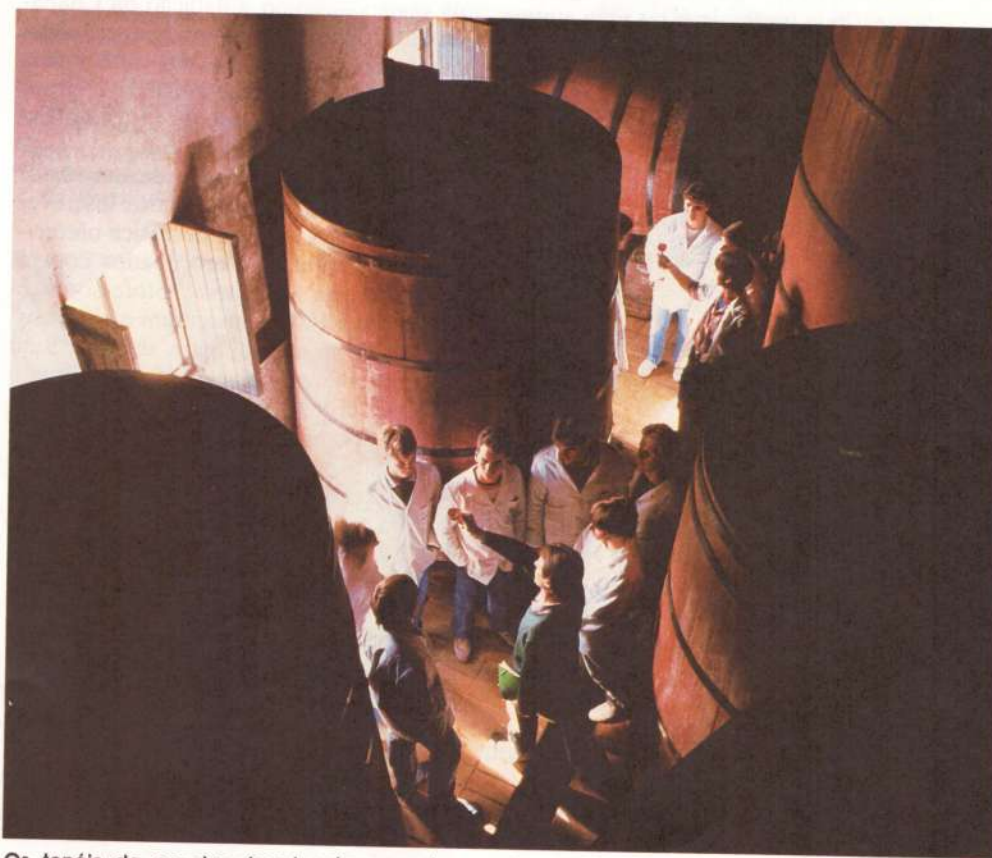
Ao mesmo tempo que acumula elogios por ser a única escola a formar enólogos no Brasil, a Juscelino Kubitschek enfrenta problemas, segundo o diretor de apoio didático, Silvano Milani. A relação da escola com o MEC, explica o professor, melhorou muito com a criação do conselho de diretores das escolas agrotécnicas federais (Condaf), que introduziu critérios para a definição de verbas. “O que queremos agora é autonomia para gerir este orçamento e que este valor seja publicado no Diário Oficial da União com antecedência para que possamos planejar o ano letivo, sem problemas de atraso.”

Neste ano o orçamento é de NCz\$ 764 mil, insuficiente para manter a estrutura pedagógica mais moradia e refeições. A escola, porém, tem no vinho que produz uma fonte de renda significativa. Com a safra de 1989 ela faturou NCz\$ 480 mil,

inteiramente reaplicados nos projetos educacionais. Este trabalho é feito pela cooperativa-escola, da qual o aluno é associado automaticamente ao matricular-se. A intenção é desenvolver o cooperativismo e sua diretoria é formada pelos próprios alunos. Ao contrário de outras cooperativas, porém, aqui os estudantes não são produtores e não mexem com dinheiro, e sim com o projeto pedagógico.

Com 31 professores, mais sete cedidos pelo Estado e Município, a escola precisa de outros sete para chegar ao ideal. Os salários, porém, são um empecilho para as contratações. Em julho passado um professor iniciante estava ganhando NCz\$ 750,00 por 40 horas/aula semanais (na rede pública estadual este mesmo professor recebia NCz\$ 991,30). Isso passa a complicar no momento de contratar os professores da área técnica ou mesmo mantê-los, já que são disputados pela iniciativa privada.

No ensino, a maior dificuldade é a integração dos conteúdos das disciplinas de núcleo comum com as de formação especial. Segundo Milani, ela não existe, mas a discussão sobre formação técnica versus formação especial é antiga e está sendo colocada até pelo mercado ▶



Os tonéis da escola: daqui saíram, neste ano, 80 mil litros de vinho.

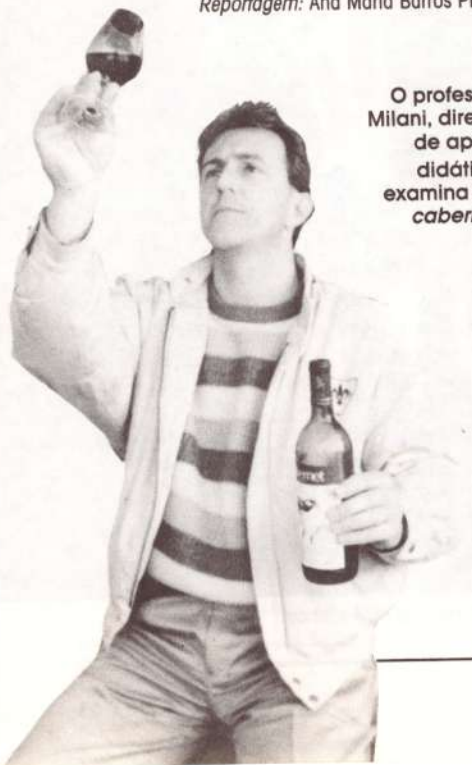
de trabalho. "Os empresários dizem preferir um profissional criativo, com boa formação geral, àquele essencialmente técnico. Chegamos numa encruzilhada. Estamos formando apenas mão-de-obra, mas como fazer diferente se não temos pessoal de apoio para as tarefas rotineiras, se faltam equipamentos para que o aluno aperfeiçoe o processo? Nosso aluno trabalha muito e reclama que aprende pouco", lembra Milani.

Esta situação preocupa a escola, tanto que os professores estão iniciando um reestudo de sua filosofia. O receio é que ela acabe privilegiando a formação humanística em detrimento da técnica. Tal polêmica também tem retornado à escola após os estágios dos alunos. Frequentemente eles são criticados pela falta de imaginação, iniciativa e relacionamento humano. Os estudantes, porém, não se abalam muito com isso. O mais comum é ouvi-los dizer: "Para que precisamos nos comunicar e expressar? Viemos aqui para sermos técnicos".

Diante desse quadro, qualquer reformulação curricular deve ser paulatina e adequada ao mercado de trabalho, opina Ivo Luiz Cignachi, diretor da escola. "Nós já discutimos a idéia de politecnia, por exemplo (proposta de política educacional que pretende fazer uma síntese entre a educação geral e a técnica - ver SALA DE AULA n.º 13), mas não chegamos a nenhuma conclusão. O interesse imediato da escola é aperfeiçoar o que ela tem de melhor — o que é sua tradição —, evoluindo para a formação de um curso superior de Enologia." ■

Reportagem: Ana Maria Barros Pinto

O professor Milani, diretor de apoio didático, examina um cabernet.



## NO QUE DEU

# Raio laser chega ao extremo oeste do país

Depois de um ano de muitos shows pelas escolas de Cuiabá, o Projeto *Física na rua* vira programa oficial da UFMT, recebe novas verbas e forma professores em Cáceres, Quatro Marcos e Mirassol D'Oeste.

**M**elhorar a qualidade do conhecimento científico dentro e fora da Universidade foi o objetivo que, no ano passado, levou o Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal do Mato Grosso a criar três projetos na área de ensino e pesquisa. O primeiro, coordenado pelo físico Cesar Lates, reúne cientistas de vários países do mundo para pesquisas na região — como a datação da Chapada dos Guimarães — e o aperfeiçoamento dos professores. Os outros dois são voltados para as escolas de 2º grau: o diagnóstico do ensino de Física no Estado e o projeto *Física na rua*.

O *Física na rua* nasceu de um susto. Em 1986 apenas 17 candidatos inscreveram-se para as 40 vagas de Física oferecidas no vestibular. Preocupados com a sobrevivência do curso, professores e alunos da UFMT começaram a visitar os cursinhos da capital para divulgar sua ciência. No vestibular de 1987, o número de inscritos subiu para 164. Durante o resto do ano, a Física não foi às ruas e a procura pelas vagas na Universidade voltou a cair para 54 candidatos.

Com esses dados, no início de 1988, o *Física na rua* começou a funcionar. Descobertas científicas publicadas na imprensa, terremotos, acidentes nucleares ou simplesmente a curiosidade dos alunos — tudo era motivo para a equipe de Abílio Camilo Ferreira Neto, chefe do departamento de Física da UFMT e coordenador do projeto, ir até as escolas de 2º grau fazer palestras, dar aulas especiais e até shows de Física para sensibilizar alunos e professores (leia reportagem na edição n.º 4 de SALA DE AULA).

Agora, após mais de um ano de trabalho, o projeto evoluiu significativamente, segundo a avaliação de Abílio Ferreira. O número de vestibulandos voltou a subir — 82 em 1989. E, de um simples projeto realizado na base do amor à camiseta, o *Física na rua* virou programa oficial da UFMT, recebe verbas da Universidade e secretarias estaduais e municipais, com uma dotação anual de NCZ: 45 000,00 (quase quatro vezes o que recebe o Centro de Ciências, que além de Física reúne outros seis departamentos), e está desenvolvendo um curso de qualificação de professores de Física.

### MUDANÇA DE RUMO

O projeto inicial sofreu algumas alterações de rumo principalmente por causa das greves dos professores estaduais que paralisaram as escolas de Cuiabá. Elas impediram a conclusão do diagnóstico do ensino de Física e empurraram *Física na rua* para o interior do Estado especialmente para os municípios de Cáceres, Quatro Marcos e Mirassol D'Oeste, a distâncias que variam de 250 a 500 quilômetros de Cuiabá, no extremo oeste do país.

Ali, o programa organizou feiras de ciências. E a região, que ainda comemora a chegada da luz elétrica e onde os jornais diários da capital não circular, ficou cara a cara com o raio laser e outras modernas conquistas científicas. Os professores, entusiasmados pelos investimentos da feira e estimulados pela curiosidade dos alunos, começaram a lembrar antigas experiências que faziam na Universidade e a encontrar novos jeitinhos para animar suas aulas.